

A Coluna do Kina

A DÚVIDA E A CIÊNCIA

The doubt and the science

Sidney Kina

Observe: se eu largar um objeto e ele cair, usaremos a lei da gravidade de Newton para explicar tal fato. Ao contrário, se o objeto for feito de algum material leve e cheio de gás, poderia, em vez de cair, subir como um balão, o que pode ser explicado pela lei da flutuação dos corpos, descrita por Arquimedes – aquele que correu nu pelas ruas de Siracusa gritando “eureka!” (encontrei!). Na ciência, tentamos explicar os eventos sempre nos referindo a leis, regras e circunstâncias que possamos provar como verdadeiras. Entretanto, diferentemente dos cientistas e pesquisadores, nós clínicos somos menos afortunados na busca das verdades que ocorrem no dia a dia. Isso ocorre pela razão óbvia de que os eventos clínicos que tentamos explicar costumam ser imensamente complexos e não podem ser reduzidos a uma lei que podemos chamar de causa do evento. Ocorrências clínicas dependem de diferentes variáveis, que vão desde o conhecimento técnico e a habilidade do operador e seu estado físico e mental; do paciente e sua ansiedade, expectativas e seu estado físico e mental; do meio que vamos tratar com sua fisiologia e patologias; dos materiais que vamos usar com suas características próprias, de seu lote de fabricação, seu estado de conservação... se vai chover ou se faz sol. Mesmo assim, concordo com Sir Karl Popper* quanto ao fato de não haver diferença, em princípio, entre as explicações dos fatos, mas na direção de nossos interesses. Assim, pesquisadores estão mais interessados inicialmente em perguntas genéricas, como, por exemplo, qual material cerâmico tem maior resistência à flexão, e clínicos tendem seu interesse em casos individuais e eventos particulares, como, por exemplo, por que essa restauração cerâmica fraturou ou por que esse paciente está com sensibilidade pós-operatória. Entretanto, o mais importante é manter o compromisso com a verdade, a moral e a integridade intelectual, manter a linha de raciocínio sempre sobre a luz da ciência, independentemente da amplitude e da profundidade de nossos interesses. Quem mais influenciou nessa forma de pensar foi o francês René Descartes. Pioneiro na forma de analisar e interpretar a ciência, considerado o primeiro filósofo moderno, Descartes publicou em 1637 o livro “O Discurso do Método”, que deu início à metodologia científica e permitiu que todo o conhecimento obtido pudesse ser comprovado e, em especial, replicado. Seu processo, conhecido como Método Cartesiano**, consiste no ceticismo metodológico – que nada tem a ver com a atitude cética –, em que se duvida de cada ideia que não seja clara e distinta. Assim, no método cartesiano duvida-se de cada ideia que pode ser duvidada, considerando o ato de duvidar como indubitável. Diria ele: “Se você for uma pessoa que busca realmente a verdade, é necessário que ao menos uma vez na vida duvide de

todas as coisas, da maneira mais profunda possível”. Para dar razão, ele considera a realização de quatro regras básicas na investigação da verdade científica, a saber.

Regra da evidência – Consiste em nunca aceitar como verdadeira qualquer coisa sem a conhecer evidentemente como tal, evitando cuidadosamente a precipitação, verificando se existem evidências reais e incontestáveis acerca do fenômeno ou coisa estudada.

Regra da análise – Dividir cada um dos problemas analisados em tantas partes possíveis e necessárias para melhor resolvê-las.

Regra da síntese – Conduzir por ordem os pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer e analisar, para subir gradualmente, pouco a pouco, até o conhecimento mais complexo e composto, supondo uma ordem, mesmo entre os fatos e circunstâncias que não se predam ou precedam naturalmente uns aos outros.

Regra da enumeração – Fazer enumerações tão completas e revisões tão gerais a ponto de ter a certeza de nada omitir.

Assim, sempre caberá a nós decidir qual pergunta fazer. Seremos orientados, lógico, por nossos interesses, mas também pela oportunidade, na medida em que percebemos a possibilidade de descobrir algo novo, lembrando sempre que o pensamento superficial é irresponsável e que o pensamento fraudulento é inaceitável.

* Karl Raimund Popper é considerado por muitos como o filósofo mais influente do século XX a tematizar a ciência. Ficou conhecido pela sua defesa do “*falsificacionismo*” como um critério da demarcação entre a ciência e a não ciência, e pela sua defesa da sociedade aberta.

** Método Cartesiano deriva do nome latinizado de René Descartes: *Renatus Cartesius*.

PARA SABER MAIS

Woodfield R. Gombrich essencial: textos selecionados sobre arte e cultura. Porto Alegre: Bookman; 2012.



Sidney Kina
Cirurgião-dentista, Maringá, Paraná
www.sidneykina.com.br